

PAIXÃO E CRISE NO FUTEBOL BRASILEIRO

Waldenyr Caldas

Professor Livre Docente da Escola de Comunicações e Artes da USP.

Alguns países do chamado “terceiro mundo” têm apresentado nas competições esportivas resultados surpreendentes. No atletismo, por exemplo, e mais especialmente nas corridas de média e longa distâncias, atletas marroquinos, nigerianos e quenianos, entre outros, têm certa tradição de vencedores. Os resultados olímpicos e as competições internacionais atestam esse fato. Essa situação, porém, se repete em diversas outras modalidades esportivas, tanto individuais quanto coletivas, nos dando a impressão de que a riqueza econômica do país nada tem a ver com o seu sucesso nas competições esportivas.

Na realidade, a prática nos mostra que não é bem assim. Em que pese a crise por que passa toda a teoria marxista neste final de século e especialmente sua filosofia política, é inegável que a estrutura econômica de um país ainda determina o sucesso ou o fracasso de alguns setores da sociedade. Seja no que diz respeito a questões de infraestrutura, ou ainda de superestrutura como é o caso do esporte.

Nesse aspecto, os exemplos acima mencionados são apenas exceções que confirmam a regra, ou seja: é na produção da riqueza e na sua distribuição mais equânime quanto possível, que reside a consolidação das estruturas econômica e democrática de uma nação. É também nessas condições que se fortalece sua superestrutura produzindo os resultados que se deseja.

Não é mera coincidência, muito menos uma obra do acaso, o fato de os países

ricos e desenvolvidos serem os grandes vencedores das competições esportivas em todo o mundo. A própria história das Olimpíadas ratifica nossa afirmação. Enquanto esses países conquistam a grande maioria das medalhas de ouro, prata e bronze, aos países do terceiro mundo reservam-se algumas poucas medalhas de bronze e, em alguns casos, por esforço e obstinação pessoal do atleta, pouquíssimas medalhas de ouro e prata.

A explicação para o sucesso dos países desenvolvidos, embora seja simples e óbvia, deve ser repensada. Por trás dessa superioridade “primeiromundista”, por trás dos músculos e da *performance* dos atletas desses países, existe uma formidável infraestrutura cujo raio de ação possui a flexibilidade necessária para abarcar as conquistas esportivas.

Sabe-se no entanto que, ao contrário das nações do terceiro mundo, os países desenvolvidos cientificizaram as competições esportivas chegando a requintes admiráveis. Hoje, toda a alimentação, treinamentos, equipamentos e até o lazer do atleta, passaram a ser administrados por uma diretriz científica produzida em laboratórios por estudiosos e pesquisadores especializados no esporte. Há um exemplo muito elucidativo no esporte profissional. Trata-se do pugilista norte-americano, Evander Holyfield, atual campeão mundial da categoria dos pesos pesados, em todas as versões, e que, segundo os especialistas desse esporte, seria o único pugilista em condições reais de enfrentar Mike Tyson e sair do ringue com uma vitória. Foi

assim que alguns investidores do boxe americano criaram o chamado "Projeto Ômega", que consistiu num investimento de US\$ 20 milhões, no qual trabalha uma equipe de 21 profissionais de alto nível como, psicólogos, nutricionistas, fisicultores, endocrinologistas, sociólogos, entre outros. Significativo é saber ainda que parte do dinheiro investido no "Projeto Ômega" foi devidamente deduzido de impostos que seus investidores deveriam pagar ao governo americano. Por outro lado, a vida do atleta Holyfield tem sido inteiramente administrada por esses profissionais. Gostaríamos de analisar as implicações ideológicas da perda de autonomia e de liberdade do atleta numa situação como essa, mas esse é um tema que por si só exigiria um ensaio à parte. De qualquer modo, convém lembrar o exemplar estudo do sociólogo Kosta Axelos, intitulado "A invasão da intimidade", e de Gerhard Vinnai, "El futbol como ideologia", no qual a presença do Estado sobrepõe-se à individualidade do cidadão, justamente à procura do sucesso no esporte, como forma de consolidar o *establishment*.

Embora nos países do terceiro mundo essa seja uma prática quase rotineira (o Brasil é um bom exemplo), a procura desse sucesso é feita de outra forma que não a cientificização esportiva do atleta. Em face das profundas dificuldades econômicas em que sempre estão mergulhados esses países, seria acintoso demais o Estado investir mais na preparação científica do atleta e menos na educação de base. Essa opulência de uma minoria, contrastando com a miséria econômica coletiva, seria, sem dúvida, explorada politicamente pela oposição do Estado.

A alternativa é lançar mão daquilo que o lingüista e teórico francês Georges Mounin chama de "função apelativa" da linguagem, ou seja, usar sempre o discurso com o objetivo de causar impactos emocio-

nais ao receptor da mensagem. Nesse caso, é claro, toda a estrutura da narrativa está centrada numa concepção populista de governo e, em segundo plano, numa política esportiva de resultados imediatos. Esse tem sido, com algumas poucas exceções, o comportamento de governos de países do terceiro mundo onde, até pouco tempo, prevaleciam regimes autoritários liderados quase sempre por ditadores militares. É o caso da América Latina e especialmente do Brasil, o qual de agora em diante tomaremos como exemplo.

Nos últimos 40 anos, da Copa do Mundo de 1950 para cá, o futebol adquiriu no Brasil uma popularidade muitas vezes maior que os demais esportes, em que pese seu sistemático uso político por parte do Estado, ou talvez por isso mesmo. O suficiente, pelo menos, para eleger vereadores, deputados e senadores. Não é exagero afirmar que futebol e partidos políticos constituem-se duas grandes forças políticas do país.

Contrastando com os demais setores, especialmente da cultura e da educação, o futebol brasileiro, em âmbito federal, até que apresenta uma boa estrutura organizacional. Em alguns casos, comparável mesmo a países de primeiro mundo. Nada disso, no entanto, passa do papel. Não ultrapassa as fronteiras burocráticas do CND (Conselho Nacional de Desportos), afeto à Secretaria dos Esportes. A complexa máquina administrativa do Estado, em que pese o esforço isolado de alguns políticos, mantém-se emperada e incompetente para resolver até problemas vitais do país, como o aumento progressivo do desemprego, da inflação econômica, da mortalidade infantil e da fome. As pesquisas e os estudos sociológicos revelam que a qualidade de vida no país vem declinando na mesma proporção do aumento da dívida externa e do déficit público¹.

1. Sobre esse assunto especialmente deve-se consultar a Sinopse do IBGE de 1990, O Anuário Estatístico do Brasil de 1990, a Revista "Veja" nº 45, de 14-11-90 e as publicações do DIEESE.

A sociedade, como de resto o futebol e as demais manifestações culturais do país, se ressentem da inoperância política e administrativa do Estado. Hoje, o futebol brasileiro está mergulhado na maior crise econômica da sua história (desde 1894 quando Charles Miller introduziu esse esporte no país) e sem perspectivas a curto e médio prazos de sequer amenizar a situação.

Tudo isso, porém, é apenas reflexo da grande crise econômica por que passa o país nesses últimos 25 anos, onde cada vez mais acumula-se o descrédito popular sobre os políticos, o descrédito econômico internacional e até uma certa desesperança e ceticismo das novas gerações na reconstrução democrática do país, após o flagelo de 21 anos de regime militar.

Nesse sentido é que já não se pode mais justificar a miséria social do Brasil, através do raciocínio linear da "Teoria da Dependência", segundo a qual nosso subdesenvolvimento é uma situação imposta de fora para dentro pela força econômica dos países imperialistas. Isso não é e nunca foi exatamente assim. A teoria da dependência, a bem da verdade, servia de trincheira onde os maus governantes escondiam sua incompetência política e administrativa e os bem intencionados estudiosos da sociedade criticavam com veemência a presença do imperialismo no Brasil.

Portanto, se hoje o futebol brasileiro está capenga, padecendo de anemia econômica profunda, enfim, com sua saúde financeira bastante comprometida, isso se deve fundamentalmente aos desmandos políticos e econômicos que exauriram a vida do país durante o período dos governos militares. Ironicamente, no entanto, foram precisamente os presidentes militares quem mais se beneficiaram com as conquistas internacionais do futebol brasileiro.

No período de glória desse esporte no Brasil (anos 70) o autoritarismo militar rei-

nava soberano sob a liderança do presidente-general Emilio Garrastazu Médici, o mais tirano e obscuro dos presidentes do nosso país. O futebol brasileiro lhe rendeu o maior dividendo político de toda a sua gestão, conquistando em 1970, o tricampeonato mundial no México e se apossando definitivamente da taça "Jules Rimet".

Nesse momento, o populismo do presidente Médici explorou politicamente a conquista do campeonato. Todos os atletas tricampeões do mundo foram recebidos e homenageados no Palácio do Planalto, em Brasília, pelo presidente, numa cerimônia pomposa e transmitida ao vivo pelas televisões para todo o Brasil. Naquela época o país vivia um momento de falsa euforia econômica. Foi o período que passou para a história econômica do país, conhecido por "milagre brasileiro". A economia "inchava" (não crescia), criando a falsa idéia de que o PIB (Produto Interno Bruto) aumentava e de que nossas exportações eram muito superiores às importações. Não era verdade. O falso momento de euforia era produto de uma inteligente manobra econômica, do então ministro do Planejamento. O país contraía seguidas dívidas no exterior, aumentando progressivamente o montante da sua dívida externa. Esse dinheiro era aplicado em obras faraônicas de grande impacto popular, gerando novos empregos, aumentando os índices das Bolsas de Valores do Rio de Janeiro e de São Paulo, facilitando o crédito às empresas e o sistema de crédito ao povo, dando a falsa impressão de prosperidade econômica. No decorrer do tempo, no entanto, constatou-se que a estrutura econômica brasileira era tão frágil quanto um castelo de areia construído à beira-mar. A qualquer momento poderia ruir. E foi precisamente o que ocorreu.

O governo seguinte, do presidente-general Ernesto Geisel, começaria a sentir os efeitos do aumento da dívida externa. Nem por isso deixou de aumentá-la ainda mais.

Para pagar parte do principal da dívida e seus respectivos juros, era necessário tomar dinheiro emprestado, aumentando a velocidade e o raio de ação da espiral inflacionária que mais tarde, em 1989, tornar-se-ia incontrolável.

Ao longo de toda essa trajetória, o que se tem observado é o sistemático e gradativo empobrecimento da sociedade brasileira. A literatura científica a esse respeito é vasta e não deixa dúvidas.

O futebol brasileiro, é claro, sentiria e acusaria de imediato os reflexos da recessão econômica. Sendo o esporte mais popular do país e uma espécie de termômetro da economia popular, o futebol entra em lenta e progressiva crise. O torcedor que lotava os estádios aos domingos começava a repensar sua economia e já não ia mais tão frequentemente aos espetáculos futebolísticos. Essa prática, parte integrante da sua rotina de vida e ponto central do seu universo lúdico, precisaria ser parcialmente sacrificada como forma e tentativa de amenizar seus problemas econômicos. Ledo engano. O pior viria mais tarde e o torcedor, só em casos excepcionais, como decisões de campeonatos e jogos muito importantes da seleção brasileira, compraria seu ingresso ao estádio. A cada temporada de campeonato, os estádios ficariam mais vazios. De acordo com dados oficiais divulgados pela CBF (Confederação Brasileira de Futebol), a presença do torcedor de 1982 a 1986 nos estádios brasileiros diminuiu em 31%, representando a maior evasão de público de toda a história do futebol brasileiro até então².

Já em 1991, no entanto, esses dados são inexpressivos se pensarmos, por exemplo, nas estimativas da imprensa esportiva especializada em futebol, que ampliou essa percentagem para 40 a 45%. Esses dados estatísticos, no entanto, não teriam importância se a saúde financeira dos clubes brasi-

leiros se mantivesse inalterada. Mas não é isso o que sucede. Não é por acaso que a imprensa esportiva brasileira se reporta à difícil situação econômica em que se encontra o futebol brasileiro e seus principais clubes. Algumas vezes, tratando diretamente do assunto, através de entrevistas com presidentes de clubes, outras vezes de forma indireta, para citar títulos protestados, atrasos de aluguel, de salários do atleta, envolvimento em causas trabalhistas, entre outras coisas.

Para melhor ilustrar a crise financeira do futebol brasileiro, convém reproduzir um recente texto do jornal "O Estado de São Paulo", de 8-1-91. Em rápidas notícias, o jornal dá conta da situação do futebol no estado do Piauí, caracterizando muito bem o momento das duas principais equipes desse Estado. Diz o texto: "sufocados por grave crise financeira, Tiradentes e Flamengo não poderão aceitar o convite formulado pela CBF para representarem o Piauí na Segunda Divisão do Campeonato Brasileiro. Os dois clubes não dispõem sequer de jogadores para formar os times que enfrentariam Moto Clube e Ceará na primeira rodada. O Flamengo não tem dinheiro nem para pagar salários atrasados de jogadores e funcionários. A situação do Tiradentes, campeão estadual de 1990, não é muito diferente: o clube tem apenas um atleta contratado e ainda não pôde renovar com o meia Zé Augusto, ídolo da torcida. A última esperança dos dirigentes é uma possível ajuda por parte da CBF". Em outra matéria de igual teor, o "Jornal do Brasil" acrescenta ainda, que o Flamengo do Piauí não realiza mais treinos coletivos por falta de dinheiro para comprar material esportivo. Apresso-me em registrar que não estamos diante de uma exceção.

Os grandes clubes dos maiores centros futebolísticos do país como São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul vivem, proporcionalmente à sua gran-

2. Revista CBF, ano VII, número 9, 1986, Rio de Janeiro.

deza e importância no futebol brasileiro, situação semelhante. Dificilmente os presidentes desses grandes times investem dinheiro na compra de novos jogadores. Ao contrário, quase sempre querem vender seus melhores atletas ao exterior, para equilibrar ou diminuir o déficit financeiro do clube. Retomarei mais adiante esse assunto. Para tentar

importante que isso, está o problema da sua sobrevivência econômica, uma vez que seu salário vem declinando mês a mês, em contraste com suas despesas que, em função da inflação, aumentam também mensalmente. A precária estrutura econômica do país, o desemprego, o círculo vicioso inflacionário e a conseqüente recessão econômica têm, nos últimos anos, levado o trabalhador brasileiro a um contínuo processo de proletarização.



A equipe do Clube Atlético, da elite, que disputou o campeonato paulista de 1904. (Agência Estado) Cortesia Arquivo Rocha Neto.

minorar a crise e superar a letargia que se abateu sobre o futebol brasileiro, os dirigentes de clubes têm usado de um expediente que, embora criativo, tem se mostrado ineficiente. Para motivar o torcedor a voltar aos estádios e impossibilitados de realizar contratações de novos jogadores, os dirigentes resolveram fazer a troca de alguns atletas de um time para outro. O resultado, é claro, não apresentou e nem poderia apresentar os efeitos desejados. A evasão do público dos estádios não é apenas uma questão de falta de motivação do torcedor brasileiro. Mais

Nessas condições, as atividades lúdicas são as primeiras a serem postas de lado em função da tentativa de manter o padrão de vida e seu nível sócio-econômico. Assim, ainda que reconheçamos a criatividade dos dirigentes dos clubes brasileiros e da CBF, essa situação dificilmente será alterada. Enquanto persistir no país uma política econômica equivocada, o futebol brasileiro permanecerá como está: capenga, empobrecendo dia-a-dia e cada vez mais distante da magnitude que o consagrou. Nesse sentido, convém ainda se pensar no futebol não apenas como uma atividade lúdica pura e simples, como se fosse desvinculado do contexto político e econômico do país. Evidentemente que não é assim. Os esportes em geral e o futebol nesse caso apenas refletem com seus resultados ruins a atual conjuntura da sociedade brasileira. Dificilmente um país economicamente próspero e bem administrado apresenta índices adversos nos esportes de forma sistemática. Esse não é o caso brasileiro, obviamente. É fácil entender que o futebol brasileiro não vai bem nas suas competições internas e externas porque o país não está bem. É fácil também se notar que nosso futebol empobreceu, porque nosso país vem empobrecendo a largos passos, a despeito das inúmeras tentativas através de planos econômicos para reverter esse quadro. Por enquanto, todos eles redundaram no desencanto e na frustração coletiva, bem ao estilo do que vem sucedendo com a seleção brasileira de futebol a cada quatro anos, quando é eliminada dos campeonatos mundiais que disputa.

Visto de fora, no entanto, o futebol brasileiro ainda mantém o prestígio semelhante àquele de alguns anos atrás quando conquistou o tricampeonato mundial. Os especialistas estrangeiros (treinadores, fisicultores e atletas) e a grande imprensa internacional ainda mantêm o mesmo respeito pela seleção brasileira. Em todas as disputas de que participa, ela é sempre apontada como uma das grandes favoritas como ocorreu recentemente no último campeonato mundial da Itália. Esse fato teve a oportunidade de constatar pessoalmente, assistindo aos programas de televisão sobre o campeonato mundial, ouvindo as diversas opiniões dos cronistas esportivos, de torcedores europeus (especialmente italianos), os comentários radiofônicos e as matérias de jornais europeus, principalmente italianos, franceses e ingleses.

Esse prestígio internacional ainda intacto do futebol brasileiro tem uma explicação bastante procedente, uma vez que ele é baseado numa realidade incontestável. Refiro-me ao fato de que a seleção brasileira de futebol propriamente dita, ou seja, a melhor formação da nossa esquadra, a mais forte, não está no Brasil, nem seus jogadores pertencem a clubes brasileiros. Basta observar, por exemplo, que o time titular no campeonato mundial da Itália era formado por nove atletas atuando em times europeus e apenas dois jogando por esquadras brasileiras. São eles: Taffarel e Mauro Galvão, que após o mundial da Itália foram também comprados por times europeus. Além disso, convém assinalar que, com algumas poucas exceções (são os casos de Renato e Sócrates), os jogadores brasileiros comprados por times europeus quase sempre justificam, com suas atuações de alto nível, o investimento feito na compra de seu passe. Em outros termos, o prestígio adquirido por esses jogadores em gramados europeus reverte-se em benefício da seleção brasileira, por quem atuarão mais tarde em competições internacionais.

Assim, se por um lado o futebol brasileiro vive internamente uma crise profunda

em função da crise do próprio país, por outro lado, externamente, consegue manter, com justiça, seu grande prestígio internacional. Esse fenômeno, com efeito, revela uma situação peculiar: nesse caso é notório que a crise do futebol brasileiro restringe-se ao aspecto econômico-financeiro e à incompetência administrativa. Este último, no entanto, de forma mais localizada. Apenas algumas instituições no nosso futebol são bem administradas. O primeiro aspecto, claro, transcende a esfera do futebol e dos esportes em geral para abater-se sobre toda a sociedade brasileira, como vimos anteriormente.

Nesses termos pode-se dizer, sem sombra de dúvida, que o futebol brasileiro mantém uma admirável capacidade de renovação. De acordo com a Federação Internacional de História e Estatística do Futebol, o Brasil é o país que mais exporta jovens atletas para jogar futebol em outros países. Essa renovação, sem dúvida, contribui de forma decisiva para a manutenção do futebol brasileiro entre os melhores do mundo.

Aqui, no entanto, cabem algumas considerações, perguntas e alguns esclarecimentos. Como se explica, por exemplo, que um país mergulhado numa crise econômica tão longa, quase crônica, com um futebol mal administrado em sua grande maioria (há as exceções), apesar do alto nível, possa renovar-se com tanta facilidade e rapidez? A explicação é relativamente simples (embora não tenha uma só resposta), mas requer um conhecimento razoável sobre a cultura lúdica brasileira.

O futebol foi introduzido no Brasil no fim do século XIX, para se tornar mais tarde, ao lado do carnaval e da música (especialmente o samba), um dos três mais importantes produtos lúdicos da cultura popular brasileira³. É uma atividade esportiva de tal modo arraigada aos costumes e tradições do povo brasileiro que se torna difícil imagi-

3. Em meu livro, *Memória do futebol brasileiro*, Editora Ibrasa, São Paulo, 1990, eu trato detalhadamente desse tema.

nar esse povo sem o prazer do grito de gol. Gilberto Freyre, eminente sociólogo da cultura brasileira, certa vez escreveu sobre a paixão do brasileiro pelo futebol. Diz ele: "o desenvolvimento do futebol, não num esporte igual aos outros, mas numa verdadeira instituição brasileira, tornou possível a sublimação de vários daqueles elementos irracionais de nossa formação social e de cultura. A capoeiragem e o samba, por exemplo, estão presentes no estilo brasileiro de jogar futebol"⁴. Assim, para entender a ininterrupta renovação do futebol brasileiro é preciso, antes de mais nada, olhar esse esporte não apenas como um divertimento a mais, mas sim como um produto cultural inteiramente absorvido e integrado à cultura popular brasileira. É isso o que vamos ver agora.

Tanto na periferia dos grandes centros urbanos, quanto no interior do país, a bola de futebol está sempre presente nas atividades lúdicas das crianças e dos adolescentes. Com uma vasta área territorial, o Brasil não padece de falta de espaço como ocorre em alguns países da Europa. Os campos de várzea e as praias são os locais preferidos dos brasileiros para improvisarem, a qualquer momento, a tradicional "pelada". Trata-se de um jogo de futebol improvisado, no qual os jogadores não precisam usar camisa, não existe árbitro, nem traves (elas são demarcadas com pedras ou pedaços de madeira) e nem tem hora certa para a partida terminar. É comum os jovens jogarem uma manhã ou tarde inteiras, sempre fazendo revezamentos. Entram no time alguns que esperam à beira do "campo" e saem outros para descansar e voltar depois. Essa é uma prática lúdica que já faz parte do cotidiano do jovem brasileiro, principalmente daqueles pertencentes aos estratos mais modestos da sociedade.

Ao lado da tradicional "pelada" existem ainda alguns clubes que mantêm sua escola de futebol, com o objetivo de preparar o

pequeno atleta para profissionalizar-se mais tarde. Em que pese os problemas econômicos desses clubes, as escolinhas, como são conhecidas, dispõem de toda uma infra-estrutura para que esse pequeno atleta possa vir a se tornar um profissional mais tarde e justificar o investimento, uma vez que o clube passa a mantê-lo. Dessas escolinhas saíram para o profissionalismo jogadores como Zico, Romário, Taffarel, Geovani, Falcão, Bebeto, entre outros.

O grande celeiro desses atletas, no entanto, são os campos de várzea da periferia e as praias. É nesses lugares que os treinadores (nesse caso, chamados também de "olheiros") recrutam boa parte dos garotos que freqüentarão a escola dos clubes. Esses profissionais vão assistir às "peladas" e convidam os jovens que se destacam durante a partida. Foi assim que o "olheiro" Waldemar de Brito descobriu Pelé para o Santos Futebol Clube e para o futebol brasileiro. Essa é uma prática que tem dado certo para a renovação constante desse esporte em nosso país, revelando grandes jogadores e gerando bons lucros com sua posterior venda ao exterior. Para se ter uma idéia da exportação de atletas brasileiros formados nas escolinhas ou descobertos na praia ou na várzea, basta observar que, dos nomes anteriormente citados, apenas Bebeto ainda permanece jogando no Brasil, embora já esteja há algum tempo sendo pretendido por diversos clubes europeus.

Importante acrescentar ainda que o nível intelectual do jogador brasileiro é muito baixo por um motivo também muito simples, mas que envolve a incompetência administrativa do Estado: o Brasil, como se sabe, apresenta uma carência muito grande de vagas na sua educação de base. Existem mais crianças na idade de freqüentar a escola do que vagas para absorvê-las. Esse é um problema crônico na estrutura educacional brasileira, cujo ônus maior recai sobre a população mais pobre do país. As classes sociais mais

abastadas superam essa carência pagando escolas particulares para seus filhos. As classes mais modestas não têm alternativa. Esperam por uma vaga para seu filho, que nem sempre aparece. Enquanto isso, os campos de futebol na várzea vão recebendo crianças que, quase como forma de sublimar sua frustração por não poder frequentar a escola no momento certo, dedicam-se às populares "peladas" na esperança inconsciente de que sua ascensão social se dê não mais através das letras, da escolarização oficial, mas sim pela arte de jogar futebol. De jogar o futebol gingado brasileiro.

Se tudo correr mais ou menos dentro das expectativas, alguns anos mais tarde a criança ou o jovem adolescente estará iniciando sua carreira de futebolista profissional. Se for um atleta dotado de certo talento terá, num futuro bem próximo, a grande oportunidade de ser contratado por uma equipe européia, americana, japonesa ou do Oriente Médio realizando, dessa forma, sua independência financeira. Nesse momento, porém, completa-se o ciclo renovação/exportação, fenômeno que vem crescendo e acompanhando o futebol brasileiro nos últimos 25 anos. Mesmo antes ele já existia, mas de forma mais discreta e quase imperceptível. Como se sabe, os primeiros jogadores a atuarem em esquadras do exterior foram contratados por clubes uruguaios e italianos, ainda na década de 20.

O último aspecto sobre a crise por que passa o futebol brasileiro diz respeito à evasão dos seus melhores atletas vendidos ao exterior. Os dirigentes de clubes asseguram que, se esses jogadores permanecessem no Brasil jogando por suas respectivas esquadras, a presença do público nos estádios e a renda dos jogos seriam bem maiores. É possível que sim, mas isso é uma dupla utopia. Primeiramente porque é vendendo seus grandes jogadores, que os clubes bra-



Charge do Campeonato Sulamericano de 1919. Cortesia Arq. Rocha Neto.

sileiros continuam sobrevivendo, ainda que acumulando déficits. Em segundo lugar, é plenamente justificável que um atleta profissional queira trabalhar no exterior, num centro onde, seguramente, poderá realizar-se financeiramente. No Brasil, hoje, não há clube de futebol capaz de pagar nem mesmo a metade do que um atleta profissional pode ganhar em times europeus, especialmente italianos, espanhóis e franceses. Os clubes brasileiros não têm a mínima chance de evitar a evasão desses jogadores. Ao contrário, em função do alto preço que pagam os clubes europeus (tendo como referência a sistemática desvalorização da moeda brasileira), os dirigentes estão sempre interessados em vender seus jogadores, embora não ratifiquem publicamente essa intenção, justamente para não desvalorizar o preço do passe do atleta. Coisa elementar da lei mais banal que rege as relações comerciais no capitalismo: a lei da oferta e da procura.

Ao mesmo tempo, emerge aqui um problema que deve ser pensado com cautela: ora, se os grandes jogadores brasileiros permanecessem em suas respectivas esquadras, todos eles estariam nos grandes clubes do Brasil. Os jogos entre eles, provavelmente,

levariam mais público aos estádios. Mas isso nem de longe sequer amenizaria a crise por que passa o futebol brasileiro. Essa situação apenas privilegia ainda mais a grande esquadra cujo poder econômico, pelo menos em nosso país, tem sido usado sistematicamente como instrumento de persuasão política quando surgem impasses nos campeonatos estaduais e brasileiros. Como se sabe, não foram poucas as vezes em que grandes times brasileiros, incapazes de conseguir sua classificação pelo desempenho técnico, o fizeram (e continuam fazendo) através da justiça desportiva. Nessa instância, em que pese o pomposo nome de STJD (Superior Tribunal de Justiça Desportiva), as grandes esquadras são sempre (ou quase sempre) imbatíveis quando se defrontam com esquadras de menor porte econômico e político. Os exemplos são tantos e tão constantes, que se torna desnecessário qualquer um deles.

Nesse sentido é que a permanência do grande jogador nos times brasileiros não resolveria a crise do nosso futebol. Essa seria uma solução pouco eficiente para tentar resolver o problema pela superestrutura. Não é assim. É um erro acreditar nisso. E as pequenas esquadras, aquelas que não podem manter um grande jogador em seu elenco, o que fariam para melhorar suas rendas nos estádios? Nada. Elas não podem fazer nada, porque o problema central está, como vimos,

na precária estrutura econômica do Estado brasileiro que insiste numa política econômica improdutiva e tautológica, levando a sociedade a um constante processo de empobrecimento e, em muitos casos, ao constrangimento de não poder satisfazer suas necessidades básicas.

Sendo assim, é claro, o torcedor começa mesmo a se afastar dos estádios. Sua paixão pelo futebol deve ser contida, ou melhor, reprimida, em face do seu empobrecimento cada vez maior. Seus compromissos financeiros não permitem mais que ele mantenha a mesma assiduidade aos estádios. Mesmo assim, sua paixão pelo futebol já é há tanto tempo de tal grandeza, que ele não pode mais prescindir do grito de gol. Já faz parte do seu cotidiano, dos seus costumes, enfim, da sua própria cultura.

Ele agora, apesar de tudo, tem dois motivos para torcer: continuar gritando o nome do seu time (o "grito de guerra" da torcida), mas torcer também para que os políticos recuperem de fato a economia do país. Só assim seria possível sua volta aos estádios e seu reencontro com o futebol, sua paixão, o esporte que melhor reflete a crise e a decadência econômica por que passa o Estado e a sociedade brasileira.

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Marcelo de Paiva — *A ordem do progresso*. Editora Campus, Rio de Janeiro, 1989.
- ANDREFF, Wladimir — *Économie du sport*. Presses Universitaires de France, 1986, Paris.
- CALDAS, Waldenyr — *O pontapé inicial*. Editora Ibrasa, São Paulo, 1990.
- INVERNIZZI, Gabrieli — *Il Brasile é vicino*. Arnoldo Mondadori Editore, Milano, 1987.
- MARZOLA, Pier Luigi — *L'industria del calcio*. NIS — La Nuova Italia Scientifica, Roma, 1990.
- MICELI, Sérgio (org.) — *Estado e cultura no Brasil*. Difel, São Paulo, 1984.
- WITTER, J.S. — "A várzea não morreu", in: J.S. Witter e José Carlos Sebe Meihy. *Futebol e cultura*. Convênio IMESP/DAESP, São Paulo, 1982, pp. 101-104.
- CANEVACCI, Massimo e outros. *Lo sport tra natura e cultura*. Guida Editori, Napoli, 1984.